

REVISTA

bulunga

janeiro de 2025 - número 37



ESTAMOS VIVENDO UM

ROUND 6?

EDITORIAL

Começou o ano 2025. Em 2020, no auge da Pandemia, disseram que 2021 seria terrível, que não passaríamos de 2022 e que em 2023 haveria um grande colapso mundial. Em 2024 a coisa deu uma esfriada, pois só aconteceram umas "guerrinhas" onde morreram milhares de pessoas, algumas tempestades que destruíram casas, lojas e estradas e mataram outros milhares de pessoas, além de um ou outro furacão, com resultados idênticos, mas agora resolveram retomar a carga: 2025 será um desastre, na opinião dos agourentos do mal. Sempre tem alguém na família que é assim, que só abre a boca para falar coisa ruim. No trabalho e na escola também. Mas é no jornalismo que encontramos o maior número de representantes dessa espécie, que aprendeu essa preciosa habilidade na faculdade: é preciso causar o terror, para poder vender jornais e revistas. Notícia boa não dá ibope. A desgraça desperta o interesse do povo. Mas não pense que encontrará isso, aqui, na Revista Bulunga. Procure em outro lugar.



Estreou, recentemente, a segunda temporada da série coreana, exibida pela Netflix, que fez um sucesso estrondoso em todo o mundo: **Round 6.** O nome original, traduzido para o inglês, é Squid Game, ou "Jogo da Lula", e o enredo gira em torno de uma mórbida disputa de sobrevivência para o qual são escolhidos participantes derrotados financeira e psicologicamente, que vão sendo eliminados, ou melhor, fuzilados, ao final de cada etapa. O sobrevivente leva 45,6 bilhões de won, valor que, em conversão direta, deve dar para comprar um Big Mac.

São 456 competidores, e o vencedor da primeira temporada foi exatamente o jogador que recebeu este número estampado em seu agasalho, Seon-Gi-hun, interpretado pelo ator Lee Jung-jae, e que agora volta para a segunda temporada com sangue nos olhos.

Os competidores entram no jogo sem saber quais são as regras, mas depois que descobrem que haverá uma



matança geral, ainda assim aceitam continuar, pois cada um acredita que sobreviverá para colocar as mãos na grana sozinho.

Ao longo da disputa, percebe-se uma verdadeira **polarização**, que vai ficando cada vez mais acirrada, com o surgimento de confrontos entre os grupos, com o objetivo de assassinar os seus oponentes, para com isso obterem o prêmio mais rapidamente.



Alguns analistas pode-

riam destacar natureza ficcional do seriado, mas os acontecimentos retratados no filme muito se assemelham com a situação que estamos vivendo no mundo com a doutrinação socialista e a **reação conservadora** que vem tomando corpo, principalmente após as vitórias de Milei, na Argentina, Bukele, em El Salvador, e Trump, nos Estados Unidos.

No seriado, é interessante verificar a migração de alguns participantes, que passam de um grupo para outro, para a surpresa de seus "companheiros". Cada um tem seu drama pessoal para justificar essa atitude, mas o que a maioria quer mesmo é botar a mão no dinheiro, a qualquer custo. Mas não vamos fazer um "spoiler", apenas adiantando que haverá uma terceira temporada.

Teoricamente, existe a possibilidade de desistirem do jogo, caso seja esse o voto da maioria, e o saldo seria dividido entre os participantes, mas eles estão hipnotizados com a possibilidade de ganharem o prêmio, como numa espécie de "Big Brother" mortal.

O seriado nos faz refletir sobre as loucuras que as grandes massas podem cometer, como no caso do nazismo, quando milhões de alemães acataram a ideia de que os judeus deveriam ser exterminados; da caça às bruxas, na Europa Medieval, quando milhares de mulheres foram queimadas na fogueira; ou do socialismo, que deu errado em todo o mundo, mas alguns ainda insistem em apoiar, principalmente na América do Sul.



BART SIMPSON

por **Jorge F. Isah**



Primeiro, quero dizer que não sou fã dos Simpsons; assisti a alguns episódios com o meu filho, quando este era pequeno, como pai zeloso pela educação da prole, e não sei muito mais do que a maioria das pessoas diz. Entretanto, sei da importância da série, a tratar de assuntos banais, mediais e boçais, sempre com aquele apelo crítico do mainstream político/ideológico. Se você espera uma análise profundamente apaixonada ou um rasante analítico, pode tirar o cavaleiro da chuva. Não iremos a lugar nenhum.

Ao pesquisar sobre o personagem, descobri que ele está na galeria das maiores personalidades do século XX e, quiçá, XXI, presente em várias listas de celebri-

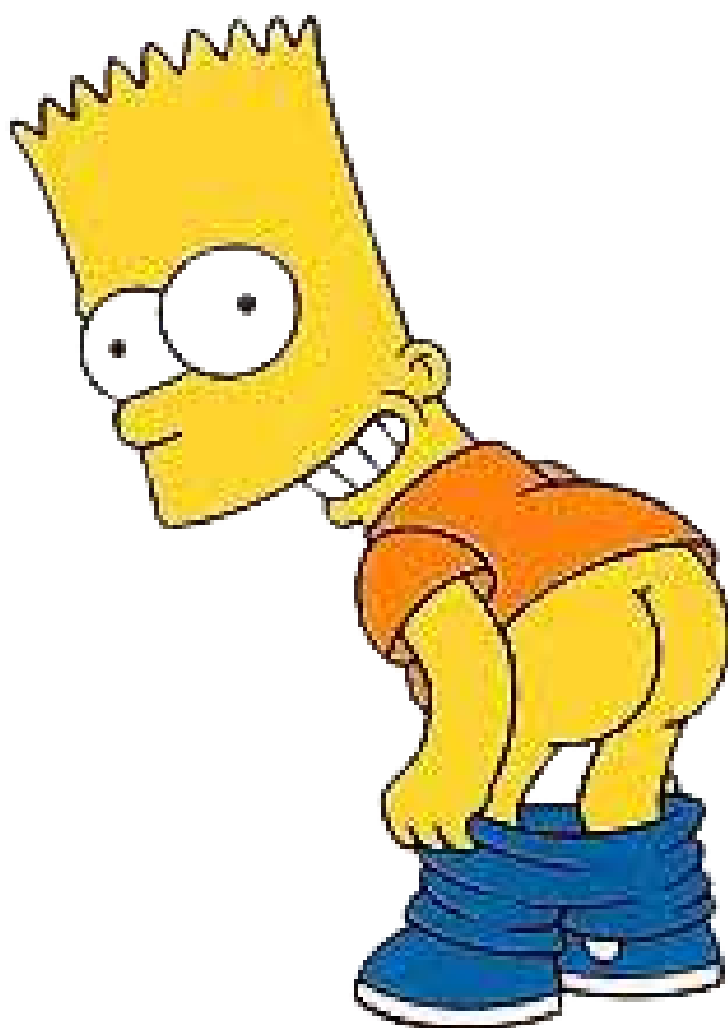
dades, ao lado de políticos, esportistas, artistas e outros influentes. Veio-me à mente a pergunta: que raios tem a contribuir Bart Simpson para o mundo? Além de ser o estereótipo de algumas gerações e o fetiche de muitos? A verdade é que ele foi valioso para os seus criadores, produtores e outros setores do entretenimento, ou a "Indústria", se me entende.

Saído da mente dos irmãos Matt e Mark Groening (o irmão mais velho de Matt não tem participação direta na criação, mas foi a principal inspiração), tornou-se um ícone, a partir da exibição do piloto em 17 de dezembro de 1989, no episódio "Simpsons Roasting on an Open Fire". Ao criar uma família desestruturada e problemática, Matt se inspirou na sua própria família, ao ponto de os personagens ganharem os nomes reais dos seus parentes. No início, Bart se chamaria Matt, mas o criador achou melhor alterá-lo, ao imaginar o mal-estar dos executivos com algo tão explícito e evidente. Como a sonoridade de Bart (Bartholomew) é parecida com Matt (de Matthew), a questão foi definitivamente resolvida.

A voz de Bart é de Nancy Cartwright, que também

interpreta outros personagens da série, inclusive Maggie. No Brasil, foi dublada primeiramente por Peterson Adriano e, a partir de 1997, por Rodrigo Antas.

Groening inspirou-se também nas figuras criadas por Mark Twain, Tom Sawyer e Huckleberry Finn, além do indefectível Dennis Pimentinha, de "Hank" Ketcham, incorporando vários dos seus traços em um único garoto, peralta, endiabrado e rebelde, que conseguia, às vezes, sair ileso de suas travessuras.



Tem o relacionamento animoso com a irmã do meio, dois anos mais nova, Lisa, garota solitária, inteligente e sensível; e não raras vezes se envolvem em disputas e combate físico. Contudo, se ela é ameaçada por terceiros, Bart é o primeiro a protegê-la, demonstrando que, apesar do ciúme, ele a ama. Dentre os relacionamentos familiares, Maggie, a caçula, é a preferida de Bart. Como alguém disse, é provável que os laços afetivos entre eles seja fruto de a irmãzinha ser bebê.

Como todo garoto, ele tem inimigos e disputas. Tem amigos e aliados. Tem também seus sonhos e pesadelos. Não gosta de estudar e de se empenhar na escola, talvez por Lisa ser uma aluna tão superior e quase inalcançável, para ele.

Da mesma forma que todo ser humano, Bart tem virtudes e defeitos. A questão é o quanto a sociedade tem laureado os vícios e desprezado as qualidades. Parece que vivemos em um mundo paralelo, onde a verdade, a moral, ética, o que manteve e sustentou por milênios o ocidente, em termos qualitativos, precisa ser definitivamente roído e aniquilado; e em seu lugar a deformidade e delírio estimulados por um

tipo de ódio inominado a si mesmo e aos outros.

Ao criar uma família para lá de estereotipada, Groening agiu meio que profeticamente, pois os Simpson têm se tornado cada vez mais o modelo das relações e interações sociais. Com isso, não es-



tu a dizer que seja de todo equivocado, afinal, é arte, ficção, e toda obra tem o seu quinhão de tangível. Entretanto, basta ler, ouvir ou assistir a boa parte das palestras, debates, filmes, novelas e livros para entender a campanha de difamação da realidade, onde negá-la é o ápice da inteligência e perspicácia, quando, para bom entendedor, não passa de canibalismo e deturpação, a tal da paralaxe cognitiva (Hollywood não deixa mentir).

Como disse, no início, não sou entusiasta dos Simpsons, mas reconheço a importância do sitcom, assim como a Família Dinossauro foi em sua época, e os Flintstones décadas antes. Todos tentam, à sua maneira, retratar o real com cinismo e deboche, mais para cá do que para lá, mas sem a necessidade premente de fidelidade, o que além de compreensível é desejável. O problema é quando os valores ficcionais, ou a ampliação deles, são preconizados como efetivos e objetivos. Ao ponto de se suprimir o real pela simulação e invenção.

Ainda mais ambíguo é o fato de os promotores dessa linha filosófica-ideológica jamais viverem segundo os seus princípios, e a maioria se exclui do



próprio discurso. Querem apenas subjugar e compelir seus conceitos aos outros, enquanto encastelam-se em um mundo "auto nepotista", onde é o único beneficiário da desgraça alheia.

Bart é, em algum sentido, a mistura do velho e do novo, talvez a apontar para o "futuro novo homem", moldado pela liberdade de alguém, ou alguns, a ser o serviçal, o prisioneiro, menos conhecedor da sua própria condição, em toda a história. Para alguns, não basta ser escorraçado e abandonado, mas há de ser com orgulho.

Como na fábula de Monteiro Lobato, o Jequitibá gabola não viu a própria queda, nem a nudez colossal à mostra, despedaçada pelo chão.

E Bart, antes uma piada divertida, se tornou no modelo "standard" do establishment.



Frases do Bart

"Ai Caramba!"

"Eat my shorts!" (Coma meus shorts)

"Eu não posso prometer que vou tentar, mas vou tentar tentar"

"Bom, não importa como você vive ou o que fez errado. Se você estiver na TV, as pessoas vão te respeitar"

"O mundo pode acabar em 2012, mas esse programa não"

"Você não pode me vencer! Eu sou... Bart Simpson"

"Ninguém está interessado nas minhas cuecas"

"Fazer o Milhouse chorar não é um projeto de ciências"

"Eu não cobrarei ingresso para o banheiro"

"Barulhos engraçados nem sempre são engraçados"

"Meu dever de casa não foi roubado por um homem de um braço só"

"Dizer 'acredite em mim' não torna as coisas reais"

"Ninguém gosta de levar tapas nas queimaduras de sol"

"A 'Primeira Emenda' não cobre arrotos"

"Cuecas devem ser usadas dentro das calças"

"Os peregrinos não foram alienígenas"

"Ninguém quer ouvir as minhas axilas"

"Peixes não gostam de café"

"Pérolas não são vômitos de ostras"

"Bob Esponja não é um método contraceptivo"

Premiados do último Sorteio:

**1 - Eduardo Nishitani - Ganhou o livro
"A Ordem Lutera da Cruz Combatente",
de Sammis Reachers**

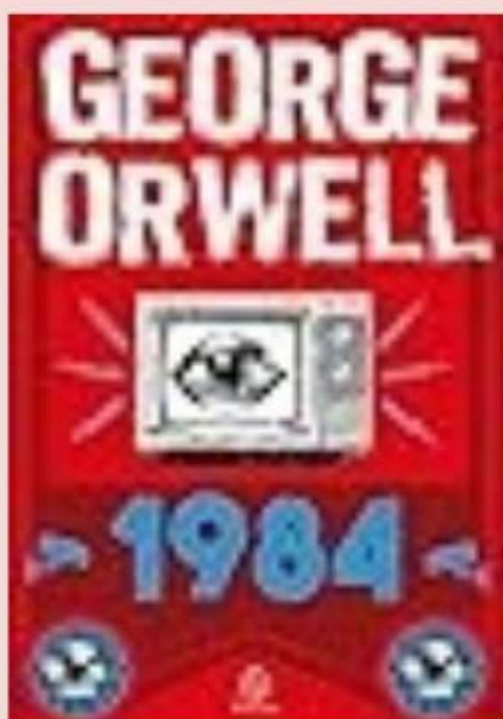
**2 - Giovanna Barros - Ganhou o livro
"Fabulário Índigo", de Sammis Reachers**



Sorteio de 2 clássicos fundamentais:

“1984”, de George Orwell e

“O Processo”, de Franz Kafka



.....
Envie email para revistabulunga@gmail.com, até 10.02.25, e escreva: "Quero participar do Sorteio".

Os ganhadores serão divulgados na edição de fevereiro/25. O primeiro ganhador levará o livro "1984". O segundo, "O Processo". inteiramente grátis.

Participe!



O velho e a praia

Jorge F. Isah



ParTe XII

— Ah!!... que foi?! — Ela disse letárgica e nitidamente desnorreada, sem saber ao certo onde estava, o que fazia, quem a molestava.

— Você estava roncando... Alisei você para ver se parava.

— Estava, é?!

— Sim... Não conseguia dormir.

— Agora, quem não dorme sou eu!

Entre o sorumbático e imprevisível mau-humor noturno, quando qualquer movimento a acordava e transtornava, fazendo-a agir por instinto, algumas vezes assustada, outras reativa, normalmente irritada, quase as raías da indignação, virou-se e antes mesmo dele aquiescer o pensamento, ressonava profundo. Não raras vezes, chegou a levar socos, cotoveladas e chutes, ao interromper o sono profundo e distendido da mulher. Nunca fora difícil retornar ao sono, independentemente de onde estivesse, hora ou barulho. A exceção se dava quando preocupada ou aflita por algum problema com os filhos, a ausência prolongada deles, ou a necessidade de colaborar em suas demandas, fosse qual fosse, até resolvê-las de um jeito ou de outro. Havia também outros parentes, irmãos, sobrinhos e agregados, sempre dispostos a expô-la desnecessariamente aos seus infortúnios, e isso, de alguma maneira, deixava-a em alerta máximo. Fora isso, a pior tempestade, os estrondos mais assustadores da natureza, os sons mais invasivos e selvagens dos homens e suas máquinas estrepitosas, calor, frio ou umidade, nada a retirava da suspensão da consciência e dormência. Talvez, e somente talvez, pensou, os

seus afagos alcançassem um tipo novo de angústia ou aflição somente possível pelas requisições familiares.

Esperou para ver se os roncos voltariam; virou-se depois de alguns segundos e concentrou-se na leve penumbra do corredor, onde a porta do quarto entreaberta restringia, mas não a impedia. A onda de calor fez com que tirasse a coberta e mantivesse apenas os pés agasalhados. Eles eram o próprio sinal da velhice a galope; desde os 50 e tantos, não mais sentiu a quentura nos membros, como outrora. Chegou, muito mais de algumas dezenas de vezes, a molhar toalhas de rosto e envolver os pés para conseguir dormir. Quanto mais jovem, mais parecia suscetível ao queimor, como se estivesse em febre localizada. Não raro, também era sentar-se no chão do box e ficar quase intermináveis minutos debaixo do chuveiro frio, a sentir a água não tão fria descer-lhe a cabeça e o dorso e escorrer às pernas. Quantas vezes, logo ao fechar a torneira, encontrava-se com gotículas de suor misturadas à água, e o vapor vindo de todos os lados a rodeá-lo num ardor insistente e desagradável? Odiava o verão e tudo o que ele representava. Sonhava com neve ou, no mínimo, altas montanhas onde o vento soprava e o termômetro, no máximo, atingia 15 graus.

Por outro lado, Lurdinha era friorenta, daquelas a usar edredom mesmo com 35 graus. Não sabia ao certo a razão, mas dizia sentir-se protegida debaixo de cobertas grossas, como uma couraça ou trincheira, a impedir os fantasmas e ameaças oferecidos na escuridão. Não era dada ao suor, e ainda que uma vez ou outra tenha molhado o travesseiro, nada a demovia de esgueirar e permanecer refugiada entre lençóis, colchas e mantas.

— Posso ligar o ventilador?

Encarou-o com ares de decepção.

— Não! Claro que não! Sabe que não suporto ventilador... ataca a minha rinite.

E assim, Antenor dormia tarde, quase sempre depois da meia-noite, a fim de buscar algum alívio entre os 17 e 22 graus das madrugadas. Acordava sempre com o travesseiro ensopado, as marcas de suor no lençol e, se não o trocassem diariamente, por certo ela se incrustaria ao tecido e jamais sairia. Nesse momento, nitidamente, parecia ter travado uma guerra insólita contra o sono, onde ora vencida, ora era vencido, e assim, sem um ceder completamente ao outro, disputavam um embate sem trégua, sem fim, ou quase.

— Hoje, vou dormir na sala

Ela encarou-o.

— Deixa que eu durmo!

— Por quê?

— Sou mais durona que você, e o quarto tem uma corrente de ar que me atrapalha.

A desculpa, por mais esfarrapada, não o fez contestá-la, e se ela queria, por que impedi-la?

— Você pode abrir a janela ou ligar o seu maldito ventilador, e dormir em paz!

Uma chantagem? Coação?... Prova de amor?... Que fosse, pensou.

Horas depois, percebeu-a à espreita. Meio pronta para o ataque.

— O que foi? Por que está assim? Com esta cara? — Ela não entrou em seu raio de visão, mas ele realmente estava mais silencioso do que o normal.

— Porque não estou com outra, ora. — Respondeu lacônico.

— Foi algo que fiz? É por minha causa?

Ah, raios! Lá vem ela com o interrogatório toda vez que Antenor estava mais circunspecto, persuadido em seu âmago.

— Se pergunta, é porque tem certeza.

— Certeza do quê?

— De ter feito algo...

— Não fiz nada!

— Então, por que se importa?

— Não quero você amuado, pelos cantos, como um cão sarnento!

Algo havia escapado à sua percepção?... Pelo andar da carruagem, ela certamente fizera algo que ele não notara, e não chegou a afetá-lo.

— Ahã!! Te peguei! Você sabe e finge não saber o que fez, não é?... A culpa a está consumindo.

— Que merda é esta?!... O que está falando?

Ela não era dada a palavrões, mas quando os dizia, era sinal de descontrole, encurralada pelo medo da denúncia.

— Agora tenho certeza de que sabe, e está mentindo... — Provocou-a mais um pouco.

— Ora, seu... Que se dane!

Bateu os pés firmemente no piso, a produzir um barulho ocluso, abafado, e saiu da sala.

Antenor matutava... O que ela teria feito de tão insignificante para ele e, ainda assim, a incomodava e fazia perder as estribeiras?

Certo é que, se não lembrasse, e não fazia questão de ressuscitar, jamais saberia.

Jorge F. Isah é Jornalista, editor e escritor. Autor de "A Bula do Placebo", entre outros livros, todos disponíveis na "amazon.com".
jorgefisah@gmail.com





INTERNÚCLEO
CONSERVADORA E ADMINISTRADORA
(31) 33748115 ou 98403-2524 (WhatsApp)

A EXPERIÊNCIA

*Primeiro foi o Facebook. Anunciei que sairia e assim o fiz, sem remorsos. Depois foi o Instagram. Na verdade, nunca gostei dessas redes sociais, principalmente depois que fui **suspenso** várias vezes por conta de minhas postagens, sempre relacionadas à política. Como sou VELHO, até gostava do ORKUT, onde a gente podia falar as mais variadas batatadas, mas passou a fase.*

*Recentemente, fui uma vez mais suspenso porque fiz um comentário acerca de um vídeo onde um homem batia covardemente em uma mulher. Comentei que ele precisava encontrar um macho que lhe desse um **** na cara, à queima roupa. Eles disseram que eu havia feito um **discurso de ódio** e que ficaria suspenso por alguns dias.*

Argumentei que aquele era um vídeo de ódio e mereceria ser excluído. Foi a **gota d'água**.

Mas tem também a questão daquela autoridade absoluta que quer decretar o banimento das redes sociais no Brasil, o que deverá acontecer mais cedo ou mais tarde, porque o brasileiro médio é muito pacato, e assim resolvi abandoná-las mais cedo.

Aproveitei para abandonar o X, o TikTok, o LinkedIn e todas as outras. E não morri.

Alguns amigos me ligaram para saber se eu estava com algum problema. Disse que, além dos habituais, não. Estava viajando, foram mais de sete mil quilômetros rodando de carro pelo sul, sudeste e nordeste do país. As ideias passaram a clarear, com o tempo mais livre.

As pessoas gastam horas nessas

plataformas, arrastando com o dedo um vídeo após o outro, sem se darem conta do estrago que isso pode causar em suas cabeças. Elas param de raciocinar, pois tudo lhes é apresentado regurgitado, atendendo aos algoritmos que inundarão a sua página com coisas engraçadinhas, clips de música, dancinhas idiotas, gente brigando, cãezinhos fofos e outras patifarias. Agora não posto mais nada sobre a minha vida. Viagens, paisagens, comidas, músicas, roupas, fica tudo na minha cabeça. Espero que façam o mesmo. E também espero poder reencontrar pessoalmente com os meus amigos para conversarmos sobre coisas interessantes, por algumas horas.

Michel Salomão é jornalista, escritor, ator, autor e diretor teatral videomaker, cartunista, roteirista e nas horas vagas faz umas pizzas legais.
mxelbh@gmail.com



CADERNO DE PSICOLOGIA

CUIDADOS DA MULHER



Nara Luisa Maria A. de O. Salomão



Como a psicologia pode ajudar as mulheres a questionarem seu papel no trabalho do cuidado e se posicionarem frente a essa imposição?

A autora Nísia Floresta foi a primeira mulher brasileira a denunciar o mito da superioridade do homem e de defender as mulheres como pessoas inteligentes e merecedoras de respeito igualitário, reforçando que a mulher é tão capaz quanto qualquer homem de assumir cargos de liderança e demais atividades na sociedade.

A despeito das conquistas sociais e dos dispositivos legais que postulam a igualdade de direitos entre homens e mulheres, as discriminações ditadas pelo patriarcado são uma forma de violência de gênero e de violação dos direitos humanos das mulheres, que atravessaram os tempos e deixam suas marcas ainda na atualidade.

Sobre o patriarcado, cumpre ressaltar que é uma forma de organização social que inferioriza a mulher. Não designa o poder do pai propriamente dito, mas o poder dos homens, ou do masculino, enquanto categoria social. As relações no patriarcado são regidas pelo princípio de que as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens, de modo que essa supremacia masculina atribuiu um maior valor às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas, além de limitar a autonomia feminina e estabelecer papéis sexuais e sociais nos quais o masculino tem vantagens e prerrogativas, criando um sistema de opressão da mulher.



Nesse sistema, as mulheres são percebidas como destinadas ao campo do privado, por isso são interpretadas como pertencentes a um grupo subalterno, o que trará consequências intersubjetivas, sociais e políticas.

Na divisão sexual do trabalho segundo o gênero, o papel social atribuído à mulher, seja simbolizando a sua fisiologia e sua função procriativa e maternal, é de uma 'cuidadora natural', cujo dever repousaria na proteção da família e na manutenção de seu bem-estar, enquanto o papel do pai, além de prover o sustento, envolve questões de disciplina e de autoridade. As mulheres tenderiam a enfatizar a empatia e a compaixão, desenvolvendo um senso de moralidade focado nas relações e na preocupação com o outro. Não se trata apenas de um "lidar com as emoções", como algo que acontece em qualquer situação humana, mas de usá-las como um instrumento para produzir um serviço que é de utilidade para toda a sociedade.

Contudo, a atribuição de valor e prestígio é diferencial aos diferentes papéis e posições ocupados, atribuindo um valor negativo e subalterno ao trabalho realizado pela mulher, embora seja reconhecida a sua necessidade.

Diante desse contexto histórico hierarquizado, verifica-se uma exploração feminina no ambiente do trabalho, no domiciliar e de produção capitalista. A desigualdade de gênero é uma realidade, e isto não é visto como injusto.

Porém, nessa estrutura social, os homens considerados como provedores econômicos, em muitos casos não o são de forma exclusiva, e as mulheres que também contribuem com seu trabalho para o sustento econômico da família tem a sua capacidade de trabalho desvalorizada. Da forma como é colocado a divisão sexual estabelecida sobre o trabalho do cuidado serve para a manutenção das assimetrias de gênero e apropriação iníqua do trabalho feminino, uma vez que a sociedade que valoriza o cuidado e as relações de cuidado torna-se mais igualitária e justa.

As mulheres oprimidas muitas vezes se sentem anuladas, com baixa autoestima, tendo suas vontades ignoradas e seus direitos violados. A abordagem da psicologia junto a essas mulheres, consiste em resgatar quem são como mulher, ajudá-las a se reconhecerem, levarem em consideração as suas vontades, seus limites, fazendo uma ressignificação da sua própria concepção feminina, e de não naturalização da opressão. Enfim, empoderar as mulheres para travarem a luta em busca de reconhecimento dos seus direitos.



Nara Luísa Maria A. de O. SALOMÃO é graduanda em Psicologia, Advogada, especialista em Ciências Penais e escritora naramariabhz@yahoo.com.br

A MARCHA DO C@ANSAÇO OU O MOVIMENTO DOS MACETADOS (2028)

Sammis Reachers

Ao defrontar o amontoado de gentes naquela Copacabana espavorida, a atenção era roubada de chofre pela faixa que encabeçava a passeata, faixa segurada pelo DJ Grillozzilla e pela multisexuada instatriz, DandaXXXara: "Dize a tua palavra e segue o teu caminho. E deixa que a roam até o osso", creditada na faixa ao filósofo espanhol Ortega y Gasset. Na verdade, a frase é de Unamuno, o Miguel, outro filósofo espanhol. Equívoco que, sem infundir demérito, meio que cancelava e vestia os revoltosos.

Chamaram seu movimento simplesmente de A Marcha do C@nsaço ou, termo adotado pelos opressores midiáticos, O Movimento dos Macetados ("?"), e ele assim há de entrar para a história. O motim, que contou com ampla anúncio midiática (que outra?), encaçapou

todo tipo de guapo, duma barafunda de díspares pensares, digno deste fim de Pós-modernidade e início de Idade Índigo.

A ideia central, o eixo da grande hélice que uniu pessoas, roedores e contestadores de várias gerações, é o cansaço em relação à torrente de informação disponível por cada vez mais meios, gadgets e cibertranqueiras.

A um filósofo marroquino, Farkour Bibi, anjo decolonial que escreve em perfeito francês, coube o papel de teórico involuntário do novo movimento, ao propor, em seu filosófico Imanifesto Logofrênico, cujo estilo de pacata ou delicada insubmissão lembra o de Thoreau, um alheamento proposital em relação à toda forma de informação mediada, seja essa mediação realizada por livros, internet etc. E da aceitação apenas do que "o outro", o ao lado, o vizinho, a mãe, o companheiro proletário, o "usuário de uma mesma territorialidade", pode ensinar, "olho-no-olho", o autor avança para a celebração da ignorância, o "prazer de não saber". A celebração anti-socrática radical, a ignorância como construto positivo.

A música-tema do grupo ou levante foi a inescapável Silício Silenciado (do último álbum de Caetano Veloso, Teimosa Poesia, de 2027). O bumba-que-bumba martelava os ares, marcando o ritmo do pisoteio.

Sim, voltemos aos fatos. Os marchadores, iniciando seu trotar pela Avenida Atlântica, estabeleceram uma inovação significativa: A marcha foi realizada com as pessoas andando para trás, ou de costas. Para evitar tombos entre os pouco afeitos a tal avanço inatural, foram cedidas bengalas de acrílico para apoiar os cansados do saber tão fácil.

Um grupo de festin'lésbicas, oriundas de uma pequena facção (das 82) PCdeBista celebrou outra manobra de catarse, efetuando o despir de suas roupas, uma peça a cada cem passos dados por cada uma de suas membras, membras empoderadas e desmembradas de seu movimento – e agora enxertadas, feito próteses, naquele contra-zeitgeist informacional.

Nas proximidades do Forte de Copacabana, limite entre a Av. Atlântica e a Rua Francisco Otaviano, a primeira culminância: fizeram aquilo o inevitável, qual seja, a QUEIMA DE LIVROS. E no entorno da grande fogueira logolibertária, grupos esparsos realizavam o já tradicional gadcrash: a quebra de gadgets, de smartphones a óculos de realidade aumentada, de Nintendos NeoSwitch a prosaicos Vibradores Poéticos, as maquininhas de consolar inconsoláveis que, além do usual ofício, recitam poemas em oitocentas línguas, ponta-de-lança das exportações cambojanas.

O avanço seguiu para o bairro lindeiro de Ipanema,

em que a alegoria final seria encenada: a invasão do data center do Google situado na Rua Farma de Amoedo, e a destruição dos mainframes e servidores que, dali, garantiam o acesso ao virtual a quase todo o país. Na porta, novo pandemônio: um dos muitos movimentos que acompanhavam a marcha, o controverso coletivo Afrobrancos, composto de brancos que se reconhecem e se exigem como africanos d'alma, foi alvo de laranjadas e ovadas de alguns dos manifestantes, ojerizados pelas propostas e ideias do grupo, tido por desconstrucionista e diluidor das pautas de direito dos que têm seu lugar de fala.

No entrevero, uma malta inesperada assumiu a proa do debate sobre o tal estreito e mítico lugar de fala, e em defesa dos afrobrancos (alguns dos quais eram seus pais, afinal): um grupo de therians, os humanos que se afirmam pertencer a outra espécie, neste caso cachorros, marchando e debatendo de quatro, desferiu um motim-no-motim ao afirmar que as ruas eram prioritariamente o seu lugar de fala – e as urinadas nos postes o confirmariam – transe ou transporte de um conceito do metafórico para o concreto que desnortou alguns teóricos que marchavam no evento – um deles, renomado reitor da PUC que, ainda fedendo a livro queimado, viu ali o nascimento em tema de seu mais novo livro.

Nesse pandemônio, prestes a arrombar as portas da infortaleza globalista, os já cansados revoltosos tombaram sarrados & surrados por grossos jatos d'água gelada & apimentada, emanados de veículos automáticos. Eram drones blindados do conglomerado BYD-Tesla-Carbon a serviço do grande infocapital, providencialmente enviados pela governadora do Estado. Enxarcada e debelada, a multidão, senhora de algumas razões e diversos equívocos, dispersou-se, cada qual encapsulado de volta à sua micro, nanorevolta, tentando recordar o caminho de casa ou sua necessidade.



Sammis Reachers é escritor,
poeta e editor.
sreachers@gmail.com



KÁLAMOS

www.kalamoseditora.com.br

CARTA CASO EU MORRA HOJE

Luiz Libório Alves da Silva

Olá!

Se você me odeia, fique alegre: minha presença no mundo não irá mais te importunar.

Se você me ama, fique alegre também. Porque vou para o Senhor que me salvou e eu não poderia estar em melhor companhia.

Assim, que minha morte seja um cálice de alegria, se possível.

Aos que tiverem saudade, deixei o meu coração para vocês no muito em que tenho escrito. Visitem meu livro mais recente, esta lâ de sal, ali há uma boa parte de mim; há muito mais que, buscando, vocês hão de encontrar, nas obras que deixei completas e nas que ficaram inacabadas.

Se você tem uma ferida que causei, peço perdão.

Aos que quiserem pedir perdão a mim sem que eu esteja aqui para responder, saibam que estão todos de antemão perdoados.

A existência de um ser humano é, afinal de contas, algo bastante rápido para que haja ressentimentos.

Mas é bom ter estado com vocês, fui feliz como uma árvore em um dia de sol após uma noite de chuva.

Em relação ao meu corpo, se possível, doem todos os órgãos que forem úteis para os hospitais ou universidades.

Se não for possível, porém, não se preocupem: já não estarei aqui para reclamar e, mesmo se estivesse, não reclamaria disso.

Não precisam visitar o meu túmulo, caso eu tenha um túmulo,

nem participarem do meu velório. Leiam os meus textos, no lugar disso, caso queiram se lembrar do que eu fui.

Vejam bem, pessoas muito mais nobres do que eu já morreram. Não seria uma desfaçatez da minha parte viver indefinidamente nessa terra?

Lembrem-se que eu escrevi essa carta sorrindo e que, principalmente, a vitória do amor é inevitável - a despeito das investidas constantes dos filhos da ira.

Que a paz esteja com vocês!

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. Quem crê nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus. E a condenação é esta: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más. Porque todo aquele que faz o mal odeia a luz, e não vem para a luz, para que as suas obras não sejam reprovadas. Mas quem pratica a verdade vem para a luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus." (João 3:16-21)

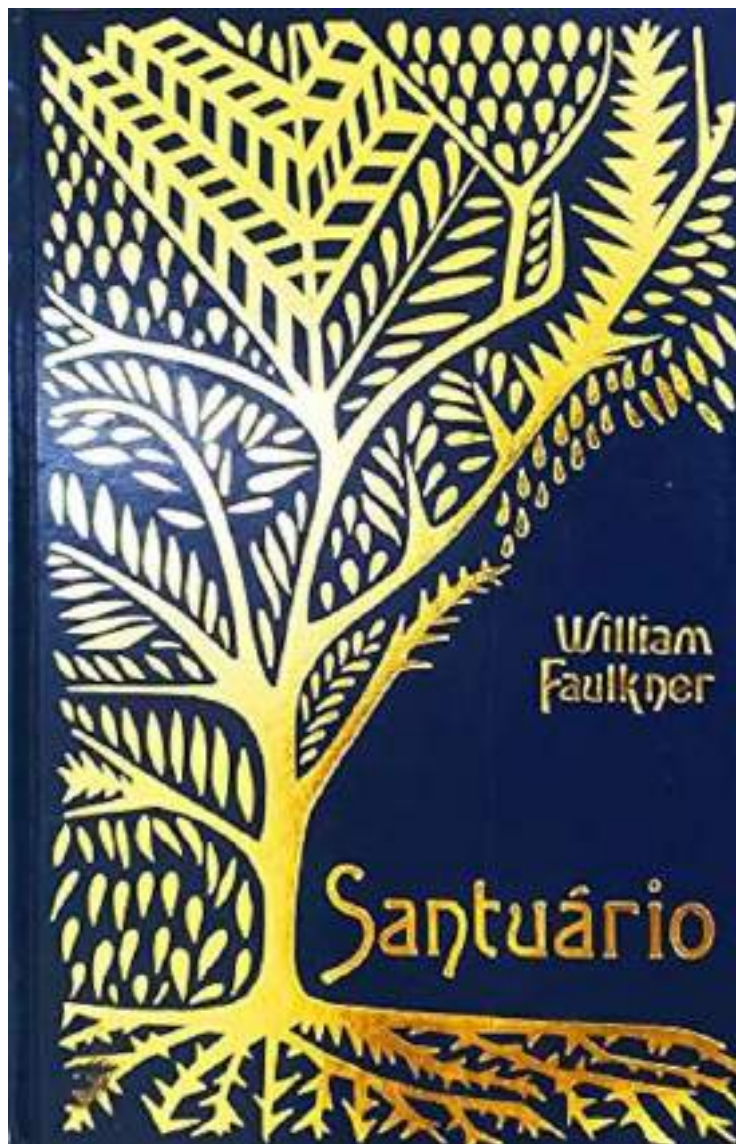
O testamento

Deixo tudo às palavras, estas
pelas quais agora mesmo
passo os olhos dos meus dedos
orvalho, raízes, vinho
tempestades
estas palavras e todas as que conheço
serviram para dizer o amor
que impossivelmente distingue-se
em palavras
nos muros das casas
nos dentes cerrados da morte
como cercas
as palavras, estas
pelas quais menti ao mundo
e tentei mentir a Deus
palavras, orgulho
doença, ouro, navalha
iconoclastia, harpas
que usaram-me enquanto as uso
no impossível permanecer
mudo

as vagens das palavras
sua armadura, suas asas
seu rosto febril de nojo
sua loucura calada
e o contorno morno do sonho
o perdido contorno do sonho
naufragado em larvas
Há palavras tão lindas
e o amor
esta palavra que não é linda
é maior do que todas elas
tudo deixo à palavra amor
tudo
e às outras palavras



Luiz Libório Alves da Silva é escritor,
poeta e tech writer.
luizliborioalves@hotmail.com



Imagino a receptividade e a comoção gerada pelo lançamento do romance de Faulkner, em 1931, na América. O assunto versa sobre o estupro de uma jovem e como isso afetou a vida de inúmeras pessoas. O ambiente é o sul dos EUA, nos momentos finais da Lei Seca, onde a degradação moral, ética e, sobretudo, espiritual, descreve o estado de miséria, perturbação e desequilíbrio em uma sociedade marcada pelos "novos" ventos da modernidade e ruptura das tradições. Este livro, guardadas as devidas proporções, é a conclusão, melhor, o aperfeiçoamento e amadurecimento em relação aos temas

originalmente propostos por Fitzgerald e a geração perdida, no início dos anos 20.

O primeiro terço do livro é de tirar o fôlego, digno de um manifesto de horror e terror. É impossível conter e não se impressionar com as descrições e o clima caótico e claustrofóbico, descomedido e perverso no qual o casal de amigos se vê arrostado pelos moradores de um alambique clandestino. Lembre-se, os EUA viviam a proibição do álcool, e o que se viu foi a proliferação de destilarias e bares ilegais, onde o consumo não somente era possível como a corrupção se encarregava de deixar tudo "legítimo", a seu modo. E havia toda uma sorte de crimes associados a ela.

Temple e Gowan, este um bêbado inveterado, egoísta e bufão, faz tudo por um gole e a satisfação do seu desejo. Temple é a adolescente ingênua, excessivamente vaidosa (sempre com o seu espelhinho e maquiagem), mas isso em certas circunstâncias que, alteradas, transfiguram-na. Não que ela perca ou suprima todas as suas peculiaridades, existem coisas que se leva para a vida toda, mas assim como o papel de vários personagens vai se "moldando" no decorrer da narrativa, Temple não resistirá à sua própria natureza, a tomá-la de assalto, como se ela mesma fosse refém de si.

Procurro, na medida do possível, manter um certo mistério; em geral, há êxito, mas nem sempre. A verdade é que a história nos pega de uma maneira onde abandoná-la é inconcebível. De todos os livros de Faulkner, os lidos, claro, este foi, juntamente com "Luz em Agosto", a me deixar mais impressionado com o estilo e complexidade, não apenas narrativa, mas temática e profundamente desenvolvidas.

Seja ao acentuar e potencializar certas personalidades e apresentar outras de maneira indecisa e apática (e não raro, esses aspectos alternam-se, a não deixar o autor um mero replicante da sua moralidade); entender os enredos de Faulkner não é a garantia de que as aparências são somente aparências. Ao lançar o leitor no mundo caótico, imoral, às vezes sensível, quase sempre trágico e ironicamente cruel e paradoxal, o leitor se vê às voltas com uma profusão de ambiguidades, hipérboles e subjetividades a demolir o cartesianismo, e por tabela o sentimentalismo, presente no imaginário de escritores e leitores modernos. No final, não ficará pedra sobre pedra, mas se terá material suficiente para, ajuntado, erguer algo novo, ainda que o novo não seja originariamente inédito, já que isso não existe "debaixo do céu", tal qual afirmou o Pregador.

Do ponto de vista faulkneriano, a resposta para o desenrolar da vida é metafísico, mas fatalista, quase determinista, se não houvesse as implicações de agentes e pacientes a alterarem o curso das coisas dentro do fluxo previamente estabelecido. Ao que parece, o início e o fim estão definidos pelos deuses do destino, enquanto os meios, as causas secundárias, estão ao sabor dos ventos humanos. Se não, por que uma espécie de "chefão", homem rico e poderoso, mas impotente, se daria ao luxo de empreender uma saga a fim de manter uma amante? Ou o acusado de homicídio se sujeitaria à morte por medo de morrer pelas mãos do verdadeiro assassino? Ou a mulher humilhada, até o último momento, se mantém fiel ao seu algoz? Na simplicidade ou reducionismo dessas súmulas, o autor tece um emaranhado denso, complexo e intricado, que nenhuma

imagem jamais será capaz de falar, seja por uma frase ou parágrafo.

Faulkner descreve o mundo não preparado para os homens, e homens não preparados para o mundo; não importa quem seja, o que seja, quanto tenha ou não, a vida está muito além da superfície e, como o mar, esconde enigmas que se não são impenetráveis, demandará empenho e compromisso.

Em Santuário temos o sagrado aos olhos de Deus, o homem como o ápice da criação; para Faulkner, ele foi profanado. E não haverá nenhum "santo" que sobreviva.

Jorge F.Isah

Nota: Este não é um livro presente nas listas dos melhores de Faulkner, onde "Luz em Agosto", "O Som e a Fúria", "Enquanto Agonizo" e "Absalão" são os mais, digamos, populares. Não li ainda o último, mas "Santuário" não está a dever a nenhum deles, pelo contrário, em vários aspectos é melhor. Acredito que do ponto de vista "bestseller", algo que Faulkner jamais se propôs a fazer, ele facilmente seria o seu livro mais "palatável". Ainda assim, é o mesmo que comer espinha de peixe incandescente com pimenta jalapeño e tomar um suco de vidro moído. Infelizmente, está esquecido pelas editoras, e somente edições mais antigas, de mais de 20, 30 anos, estão disponíveis em sebos. Merecia, certamente, a atenção e uma nova edição. Mas como Faulkner não é politicamente correto, ou empenhado na militância ideológica, política e social, editores podem torcer o nariz e deixar o público ainda mais órfão de escritos universais, a expor a humanidade como ela é, e não como alguns querem que seja. No frígir dos ovos, até mesmo aqueles que acham estar ganhando, acabam perdendo o que não têm.

Avaliação: (****)

Título: Santuário

Autor: William Faulkner

Editora: Abril Cultural

Páginas: 258



coluna do

ClodoKill

Fernandes

FÉRIAS, BAIXADA E OS QUINTOS

Depois de um ano de muito trabalho, pagar uma infinidade de contas, impostos, taxas, e custear os "bon vivants" em suas esbórnias estadistas, já que para os burocratas dos três níveis aquela viagem com a amante, a festa de aniversário do totó no Sheraton e indexar um dinheirinho do erário ao patrimônio como se fosse seu, é o jeitinho de improvisar problemas sem que haja solução, e safarem-se como bons malandros que são. No final, acaba mesmo sendo, e não há quem impeça ou queira que não seja.

Voltando ao dileto cidadão, iludido com as festividades do ano-novo, após ser dissecado economicamente, resolve fazer um empréstimo a juros de quase 10% ao mês para uns dias de férias com a família, porque ninguém é de ferro. E nada melhor do que o tour pela praia mais próxima, junto com mais um milhão de outros panacas.

Todos prontos, malas, pets, caixas com cervejas e refrigerantes ocupando a maior parte do bagageiro, se unem, as mãos dadas, numa reza pela saúde do automóvel, uma vez que não sobrou grana para a revisão, troca do óleo e do pneu recauchutado e careca. Lá vão eles, enfrentando longas e intermináveis filas em direção à Baixada, os pedágios e um sem número de radares a fazer a festança dos fiscais e acólitos de plantão, a vencer setenta quilômetros como se fosse a volta ao mundo.

No balneário, ruas entupidas de veículos, caos, montes de lixo, cheiro pestilento, preços escorchantes e, quando chegam ao local do merecido repouso, se deparam com o som nas alturas, de um lado, do outro, de frente, numa amálgama dos infernos. Para não ficar atrás, Juninho, o primogênito do capeta, põe um funk na sua caixa JBL falsificada, mas com a potência de uma turbina de 747 e a distorção de mil terremotos de 9 pontos. A casa não era como se imaginava, enquanto o AirBnB cobrou quatro vezes mais pela metade dos benefícios. Afinal, estamos no paraíso tropical, não é!

Mal trocam de roupas, colocam seus shorts e bermudas com estampas de coqueiros e palmeiras, enquanto as mulheres e meninas despem-se ao limite dos fios e ínfimas tirinhas de tecido sintético. Põem as cervejas quentes nas caixas de isopor, onde o gelo comprado de véspera espera quase derretido, munem-se de boias, bolas de plástico, baldinhos e pazinhas para remexer a areia, e partem com o aparelho de som do Junior, desfilando palavrões, obscenidades, e os últimos dois neurônios despejados no asfalto.

Na areia, se misturam a outros tão ou mais dispostos a tudo para fazer valer o direito ao descanso merecido e à diversão à fórceps.

No mar, as águas turvas, de um cinza amarronzado típico de piriri, dão mostras de não estar para peixe. Mas ninguém se avexa, e quase todos se aventuram a dividir o espaço com a multidão de turistas, vários deles empenhados em tornar as águas turvas ainda mais ácidas de ureia.

Os fedelhos tratam de infernizar os vizinhos, com suas bolas, pipas, guerra de areia, gritaria e choro, pois sempre tem um pai ou mãe disposto a consolar o arruaceirinho em suas estripulias. E após o incentivo paterno ou maternal, voltam ainda mais buliçosos e confiantes.

E o dia termina, como se não tivesse começado, para começar novamente como se não tivesse acabado. E dura o tempo suficiente para o governo, em sua sanha maquiavélica, aumentar taxas, impostos e ressuscitar a Lei da Derrama¹, muito pior do que as opções do AirBnB, pois cobra os quintos, sem dar nada em troca.

¹ Lei da Derrama - O quinto era um imposto de 20% sobre todo o ouro produzido no Brasil. A derrama correspondia à cobrança violenta dos impostos em "atraso" dos cidadãos, fossem ou não devedores de fato. Não havendo condições de pagar o tributo atrasado, a moradia, os equipamentos de trabalho e o que os mineiros possuísem de valor deveria ser vendido para quitar o débito. Qualquer semelhança com o Brasil de hoje não é mera coincidência.

CIDADE GRANDE: DOCE ILUSÃO

Rosemare Rocha

Cidade grande. Doce ilusão. Tão grande, tão bonita. É verdade que aparentemente grandes sucessos e grandes biografias se desenvolvem em cidades grandes em todo o mundo. O interior parece (e não é sempre verdade) um lugar que condena as pessoas a ficarem como sempre foram, ou a decaírem. Conheço gente que, netos de ricos, hoje são pobres, por nunca terem saído de seus interiores de origem.

Mas, continuemos. Cidade grande, cheia de prédios, às vezes enormes, comércios de rua e shoppings apinhados de gente. Gente comprando e gente que não pode comprar, e contenta-se apenas em olhar e se distrair, ou tentar. Sonhos. Afinal, há lojas para todos os gostos e todos os sonhos. Ou quase. Gente para todo lado, de modo que encontrar sossego é impossível. Engraçado que, mesmo no meio de tanta gente, não é difícil se sentir invisível.

Corre-corre, barulho, muito barulho. Diversos barulhos. Buzinas, motores de motos, de carros. Carros freando, acelerando. Nos ônibus, ou nas filas para pegá-los, gente se acotovelando, se atropelando. Geralmente em direção aos empregos mais humildes, mais cedo, bem cedo. Para empregos melhores e mais bem pagos, mais tarde. Há exceções, claro, pois a cidade grande não para. Há desempregados à procura de empregos. Há moradores de rua, há os pedintes com casa e família, e entre eles, aqueles por décadas a fazer disso um bom negócio. Há ainda quem negue a existência de criminosos que, à luz do dia ou não, executam o que maquinam à noite, sob o efeito do álcool ou outras drogas. Há os que rezam

nas missas ou nas igrejas pentecostais, sempre abertas aos que precisam.

Enfim, esta vida degradante e quase sempre pouco saudável é levada por pessoas que vêm de outras cidades menores ou vilarejos distantes. Como se diz: "Tentar a vida na cidade grande"... Mas a vida na cidade grande, mesmo sendo menos tranquila que no interior, já foi mais tranquila. Andar de bonde, andar a pé sem pressa é um tipo de senha para os dias atuais... Uma senha secreta e enterrada como um tesouro... Calçadas de pedras, todas as casas com uma mangueira ou abacateiro. Hortinha e pomar. Varal para secar roupas, secadouro, tanques cheios de musgo para lavar vestes surradas, que eram usadas anos a fio, e quase nunca seguiam a moda.

Nascer no interior, nessa época, era bem diferente. Uma paz. Se ouvia o galo, o verdadeiro relógio; o cacarejar das galinhas, o roncar dos porcos... tantos cheiros que ainda hoje sinto-os perfumar a memória.

Escola no interior era apenas uma casa com o nome de algum figurão, seja histórico ou não. Tudo era longe, e sair de um ponto a outro, uma jornada; para as crianças, uma aventura que se repetia. Percebia-se um pássaro, um lagarto, até uma cobra ou um gavião. Às vezes se via um macaco, uma coruja e os mais velhos falavam sobre lobos e até onças em algum lugar.

Quem nunca teve bicho-de-pé, cobreiro, verruga, pele ruça, piolho, meleca no nariz? As crianças de hoje são poupadas de coisas naturais que nos ensinaram a vida feita de prós e contras; e isso é pedagógico. Talvez seja a razão de tanta gente fragilizada e frouxa nestes dias. Uma pseudociência consegue encaixar cada desvio em uma gavetinha e ainda desculpar o

coitado, quase lhe dizendo: você está fadado a ser sempre assim! Hoje, a escola tem comida, diversão, telão, computador e consegue a proeza de um aluno, em duzentos e dezoito mil, ter alcançado nota máxima numa redação do último Enem, sem contar o valor do texto e dos argumentos feitos pelo concurseiro. Parece que tudo se resume apenas à ortografia e sintaxe; já que qualquer bobagem, tenha bons argumentos ou não, foi decidida em um manual guardado a sete chaves, e restam apenas os chavões sem qualquer coesão e lógica. Quem não se lembra da redação com excelente nota sobre "a receita do miojo?"

Ainda nos interiores, não em todos, existem casas com muros baixos e janelas de frente aos passeios. Carros dormem nas ruas, e sou testemunha, com parte dos vidros abertos para não "suarem" à noite. Nas grandes cidades, é raro, estatisticamente raro, achar quem nunca foi assaltado, furtado ou pelo menos tenha presenciado algo assim. Nas grandes cidades, os criminosos andam soltos e as pessoas de bem amedrontadas dentro de suas casas ou pior: dentro de si mesmas. Não se olha para o céu a ver as estrelas e lembrar-se: há um Deus e valores acima dos "invalores" da rele sobrevivência. É muito mais saudável e recompensador conversar com qualquer pessoa simples do que com alguém cheio de diplomas e crédulo no globalismo. Há muito mais sabedoria nos "causos" dos idosos, do desprezado interior, do que dos ateus, os cétricos produzidos pela modernidade urbana.



Rosemare Gomes é escritora,
pedagoga, professora e teóloga.
rocharosemare@gmail.com

O CONCILIÁBULO MALANDRINO

ou um réquiem para um punquista

Sammis Reachers

Foi num domingo feito hoje. Os bonecos começaram a chegar desconfiados, tanto pelo vício do ofício quanto pelo inusitado do evento. O palco das exéquias, um terreno baldio, estrategicamente longe de olhares & orelhas inoportunos.

Uma saudação aqui, um qualé acolá, e a malandragem devagar foi se acomodando.

De todos, resolveu-se: quem teria a primazia do verbo seria o único daqueles putianos que, é de espanto, possuía carteira assinada. Pois saiba você, amigo leitor: vagabundo respeita trabalhador. Era o popular Magu do Alcântara, que batia ponto no estoque do mercado Assaí, feito raposa gerenciando galinheiro.

— Amigos e compadres, uma muito boa tarde. Como vocês sabem, estamos reunidos aqui para celebrar a memória daquele que foi o melhor de nós.

Sim, o melhor de nós, pois o pioneiro. O melhor de nós, pois foi mestre de muitos aqui. E até pai e padrasto de alguns. E quem não aprendeu com ele,

aprendeu dele, pois muitas manobras que a gente usa no dia a dia, no ganha-pão, ele as criou ou inaugurou em nosso município, talvez em nosso Estado.

Quantos já ouviram falar do grande incêndio no "Gran Circus" em Niterói, no longínquo 1961? Enquanto vidas se perdiam, ele enriquecia, madeira de lei endurecido por todo aquele fogo. Semideus do empreendedorismo, na crise máxima, ele viu a máxima oportunidade: Afanou 46, QUARENTA E SEIS, SENHORES!!!, carteiras. E saiu vivo para contar a história. Ali, naquele circo em chamas, nasceu o patrono e a lenda dos ladrões gonçalenses. Aquele cuja memória hoje celebramos. Ali Babá dos Ali Babás, aliciador e pedagogo, Roberto Munhoz Oliveira, o nosso saudoso Beto Rato.

E o rol de bravuras do finado seguia sendo desfiado pelo orador da turma, de fazer arroxear o próprio demônio.

Enquanto discursava com ousadia e sentimento o insigne abortivo do bairro Engenho Pequeno, um peralta, Catito, fiel ao ofício, tentava controlar sua pulsão ou proatividade no duro métier de bater carteiras e celulares de patos ou, na fúnebre falta destes, de gansos. Ali só havia gansos, mas o instinto, em Catito, era deus forte.

Divisado o alvo, um carteirista (e celularista) que fazia ponto no centro do Rio, já ferido pela mangua-

ça, empapado nos vapores alcoólicos que aquele dia de luto (nem por isso) demandavam, o rouxinol de Satã se acercou e, na clássica esbarradela, moveu o corpo do bruto enquanto sua destra encaçapava um iPhone do último, no talento. Daquele modelo, um "cabaço", dourado e com uma semaninha de lançado na praça, o punquista só vira em grupos de rolo de Facebook, desses onde a tropa do corre desovava os ganhos. Pra quê esperar outra chance?

Talvez pelo álcool, mas mais acertadamente fosse pela desprevenção, por estar "entre os seus", o adiposo não acusou o golpe.

Mas, como referimos, aquele galinheiro estava locupletado de gansos, pescoçudos e mordedores, todos eles. Percebendo a heresia daquele ato de extremada torpeza, desferido não em momento inadequado, que isso não havia entre ladrões, mas contra um associado, Roberval, ladrão de autos e mantenedor de dois desmanches na Trindade, às costas do Sétimo Batalhão de Polícia, onde tinha alguns associados, alto prelado no mundo dos ladrões, deu alarma:

— Olha aí esse fxxxxdpxxa, esse cxxno, esse pelego, meteu a mão no telefone do amigo! Pau nele! Pau nele!!!

— Ah, vale isso!??? – gritou uma das lideranças do movimento, e o berro foi a senha para a democratização das oportunidades.

O que se seguiu foi um espetáculo que divertiu meio inferno, que parou pro espetáculo: o colegiado de ladrões, senhores dos caminhos de metade da região metropolitana do Estado do Rio, se engordaram numa pancadaria obtusa, temperada a areia nos olhos, sarradas e canivetes. E mais, explodindo de primitividade, dando vasão àquilo para o que suas infelizes mães os pariram, aqueles pouco menos de oitenta larápios se envolveram no maior jogo de ladrão-roubando-ladrão que o sul global já vira, após as aventuras da pirataria inglesa roubando ouro dos ladrões colonialistas espanhóis. Era um soco aqui e uma apalpadela acolá, um coice de trivela num, e um catar-um-cordão-de-prata no chão, num mesmo e acrobático movimento.

Ortega y Gasset, filósofo fatalista descendente dos tais ladrões de ouro espanhóis, dizia que um homem é um homem e suas circunstâncias. Pois um ladrão é um ladrão e suas oportunidades, na Câmara, no Senado, no Planalto ou num arranca-rabo em terreno baldio: velhas rixas encontraram curso de resolução, com desafetos se farejando e duelando em meio à peleja.

— Valei-me, Seu Zé!, desengasgou-se um fiel após ter bolsos e pescoço esvaziados, a fuga inchada de tanta tapanca, como se ladrão ajudasse ladrão contra ladrão. Não sem cobrar caro na saída, mas isso lá preocupa os pilintras?

E o furdunço alava as poeiras: Tapas bloqueados eram seguidos por um pinçar de mãos, arrancando dos dedos do agressor anéis e alianças que eventualmente portasse. Arte ninja!

No alto do festejo, apogeu daquela liça medieval, o conluio ou conclave ou conciliábulo malandrino foi debelado pelo toque da trombeta quadricórnea do Estado, sonido a que todos, já nas barrigas das mães desnaturadas, aprenderam a temer: o soar de uma sirene.



FAÇA

TEATRO

Curso Profissional & **NOVELA**

Prepare-se!

crianças
adolescentes
adultos

WhatsApp: 98025-1010

vagas limitadas!

The advertisement features a black background with yellow and white text. At the top right is the logo for '(S)NET' with the tagline 'rúbricas de estudos teatrais'. Below the main title, there is a photograph of five people in theatrical costumes on a stage. A green WhatsApp button is prominently displayed in the lower left, and a yellow diagonal banner in the lower right corner states 'vagas limitadas!'.

COMPRAR CARRO USADO

Comprar um carro usado, nos dias de hoje, pode não ser tarefa das mais fáceis. Pode até parecer que é, mas não é. Não basta chegar na loja, virar a chave da máquina e dar uma aceleradinha. Tampouco uma volta por algumas quadras pode ser eficaz. Tem gente que chega a levar o carro que pretende comprar para um "mecânico de confiança" dar uma avaliada, mas esse profissional não será capaz de pegar defeitos ocultos mais graves, a não ser que desmonte todo o veículo, e mesmo que não sejam graves, algumas intervenções poderão representar uma considerável despesa com a qual o comprador não há de esperar, além das tradicionais trocas de



freios, óleos e filtros.

Os avaliadores, geralmente, se preocupam com problemas na lataria, que podem ocultar sinistros de maior gravidade, entre elas, a "perda total", que mecânicos e lanterneiros menos idôneos são capazes de camuflar com relativa facilidade, a não ser que o experiente avaliador consiga identificar a originalidade das soldas internas e repinturas nos principais pontos do veículo.

Defeitos no motor também podem resultar em uma bela dor de cabeça, além de um grande prejuízo, pois algumas peças, além de determinados componentes eletrônicos, principalmente as pertencentes a carros "premium", costumam custar quase o preço do veículo usado, e assim mais valeria a pena descartá-lo no lixão.





Pode parecer muito tentadora a possibilidade de comprar "restos de ricos", pois esses carros, com pouco tempo de uso, chegam a custar muito menos da metade de seus preços originais, mas o que os compradores inocentes não sabem é que suas peças acompanharão os preços dos carros novos, o que ainda colabora para deixar os preços dos seguros extremamente altos.

É por isso que carrocinhas do tipo Renault Kwid, Polo Track, Fiat Argo, Hyundai HB2, Chevrolet Ônix, entre outros, fazem tanto sucesso neste país do engano, mas jamais seriam aprovados em nações verdadeiramente desenvolvidas.

Michel Salomão

Alguma alegria

Helvécio S. Pereira

Tristeza. O contrário de alegria. Algo que humanos e animais sabem por absoluta experiência. Tenho tristezas. Não tristezas que me façam arrancar os cabelos, ter crises histéricas. São silenciosas, não inteiramente dissimuladas, e não chamam atenção, elas ou eu.

Não são curáveis, não porque eu não as queira curadas. Não por aqui e agora. Um dia, elas desaparecerão junto com as minhas memórias. Não são curáveis também porque as conservo e as quero sempre diante de mim. São empedernidas, não por teimosia, mas porque simplesmente as coisas que as causaram não serão mudadas. Aprendi em inglês que há duas palavras para "eu desejo", "eu quero": want e wish. As duas são a mesma coisa por um detalhe estritamente cultural. "I want" é usado para coisas possíveis, enquanto "I wish" para coisas que definitivamente não ocorrerão. Ano passado, dois colegas faleceram, digamos, desnecessariamente, vítimas de cirurgias necessárias, mas de modo nenhum não adiáveis. Se foram, isso não pode ser humanamente consertado. A tristeza desta forma está congelada e não pode ser esquecida.

Algumas canções melancólicas se referem a um certo décimo quinto andar (ainda pesquisarei para ver o que significa), e um álbum musical melancólico tem também esse mesmo nome. Todos temos tristezas ou razões para tristezas, profundas ou não, congeladas e muitas vezes inconfessáveis. Suportadas, ignoradas, adormecidas.

Acho que não sou uma pessoa tão querida, por duas razões básicas: jamais me esforcei para isso. Nunca investi seriamente em aparência. Tenho muitos cabelos na cabeça, mas se pela genética fosse careca, não investiria em implantes, nem próteses capilares, perucas e muito menos dirigiria de boné dentro do carro (alguém me explica essa babaquice?). Logo, tenho amigos que posso contar em uma mão, talvez uma mão e meia. Amigos verdadeiros que me querem bem. Colegas? Talvez encham as duas mãos... Não colegas com os quais convivo simpaticamente, por simples sociabilidade, pessoas que me fizeram bem no decorrer da vida sem que eu soubesse ou pudesse agradecê-las... Digamos, impossível contá-las como contar os pelos dos braços. Pecados? Bem, aí, tenho cabelos de sobra. E não pense que ser calvo garantirá a ida para o céu.

Tenho tristeza por ser meio anônimo, meio desconhecido, meio ignorado? Talvez sim, talvez não. Na maioria das vezes, gosto de ser ignorado, de ser quase invisível. Reconhecimento? Eventualmente os tenho, mas desconfio seriamente que aqueles amigos que se contam nas mãos sejam exageradamente generosos comigo.

Finalmente, não posso me dar às frescuras (para usar uma palavra atual e quase chula). Sei que há incontáveis pessoas no mundo, que por várias razões têm todos os motivos para terem tristezas muito mais dolorosas. Tristezas inapagáveis, para criar um neologismo, como apontadas na belíssima canção, cuja música é do pianista Elton John, "Circle of Life": "Desde o dia que aterrissamos nesse planeta e vimos o sol"... "Alguns têm ou guardam, suportam cicatrizes (que não podem ser removidas)". Ou seja, muita gente sofre sem cura. Têm tristezas agudas para as quais não há consolo algum. As nossas, as minhas, as suas, provavelmente são frutos de desejos egoístas não satisfeitos, infantis ou maduros, mas que nem de longe são o mais importante a se lamentar eternamente. O que faço? Vou esquecendo e me ocupando com outras coisas, mais urgentes, que deem mais satisfações verdadeiras, enfim alguma alegria que substitua qualquer tristeza.



Helvécio S. Pereira é compositor, músico, escritor, artista plástico e professor.
helveciop1@gmail.com



REPÓRTER RISO

Jorge F. Isah

Após algumas manifestações de leitores acusando-nos de extremistas, piolhistas, fascistas, taxistas, entre outros, de Pilatos, "muristas" ou coisa que o valha, para ficar apenas no publicável e menos patogenético, decidimos convidar alguns vermelhinhos para colaborarem com a Bulunga, e, assim, tentar contrabalançar a pauta. Porém, a tarefa se mostrou espinhosa e inglória, dada a incapacidade da maioria em sequer saber o que seja o ato de escrever, e outro tanto resumir o único e diminuto parágrafo a slogans e gritos de ordem. Houve quem, arrogante e pretensiosamente, quis instigar o público a usar as páginas da revista em suas limpezas rotineiras. Foi devidamente expurgado, não pela ultrajante incitação, mas por desconhecer que páginas virtuais jamais serviriam para absorver a, digamos, intimidade borrada.

A ideia provou-se hercúlea, e alguém sugeriu um artigo sobre o triunfo do método freiriano ao transformar mulos em acéfalos. Numa rápida discussão, a proposta foi removida, já que ninguém estava ao nível de discorrer seriamente sobre psicopatias. Se o fizesse, teria de se equiparar aos defensores do "Paulinho", em zurros, coices, mordidas e, pasmem, cusparadas!

Certamente, as ameaças continuarão. Os insultos continuarão. A ininteligibilidade da maioria continuará. Apenas alguns não reeducados agressivamente, correrão os olhos por aqui. Há até quem queira se fazer de inteligente e mandar-nos "istudá", enquanto ele mesmo nunca leu um livro e aprendeu tudo nos fragmentos do "TikTok" ou "Instagram", entre dancinhas estúpidas e fantasias de palhaço, ou pior, assistindo aos telejornais da Globo.

Alguém sugeriu um "programa de checagem" dos e-mails, mas achou-se melhor deixar como estava, sob pena de termos a caixa de mensagens completamente vazia.

Fim da reunião.

Mas a saga continua: a busca por um "little red", que saiba escrever, está se tornando obsessão e, caso conheça alguém, caro leitor, não se avexe de apresentá-lo. Mas saiba que, conforme diz o velho e sábio ditado, "se me disseres com quem andas, direi quem és"!

Viva a democracia!

O MELHOR DA VIDA...

Natan de Oliveira

Os melhores dias estão por vir...

As melhores risadas eu ainda não dei...

As mais gostosas gargalhadas de meus filhos ainda estão no futuro para serem ouvidas por mim...

Os melhores momentos, o Pai Celeste ainda não me deu...

As melhores delícias, aquelas plenas de vida abundante, eu ainda estou para viver...

O passado foi bom!

Mas imaturo e ingênuo eu não soube aproveitar tanto...

Era apenas um aprendizado...

Mas o meu Pai Celeste tem o melhor ainda no futuro pra mim...

Agora sereno...

Calejado...

Moldado pelo tempo...

Observo lentamente o que se passa ao meu redor...

E por dentro estou sorrindo...

A vida continua boa...

Ainda é um dom do Pai Celeste para todos nós...

Vale a pena ver meu filho brincando e se movimentando da forma leve e descompromissada que a infância lhe proporciona (escrevi este texto quando meu filho ainda era bem menino)...

Alegria muito o coração ver minha filha se tornar numa mulher temente ao Pai Celeste, virtuosa e notável pelo seu modo peculiar de ser...

E o melhor de tudo é que deixando pra trás as minhas ignorâncias...

Entregando todas as ansiedades para o Pai Celeste...

Leve, posso respirar...

Ouvir os sons da vida ao meu redor...

Rer os meus livros prediletos (amo rer livros que me emocionaram na primeira leitura...)

Ouvir minhas músicas clássicas e melancólicas...

Sentir o vento no rosto...

E não fujo mais da chuva e de propósito sempre que posso não uso guarda-chuvas...

Desconfio seriamente pelas minhas leituras, que no céu não tem chuva e que disto terei saudade...

Aguardo tranquilo a minha hora de partir...

E enquanto isto vou lendo, conversando, pensando, e vivendo da melhor forma que eu posso, sendo útil dentro das minhas limitações, haja vista que não fiquei rico como eu achava que ficaria quando era menino...

O melhor está por vir...

Assim é a minha esperança e assim me iludo...

Mas parece que não é ilusão...

Pois a Palavra do Pai Celeste não mente...

E ela nos diz que Ele promete que o melhor e o inimaginável, é o que Ele tem preparado para nós...

...

Levanta a cabeça!
Respira fundo!
Ouça em silêncio!
"O melhor está por vir!"

...

"Mas, como está escrito: As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que o Pai Celeste preparou para os que o amam."

Primeira Epístola do Apóstolo São Paulo aos Coríntios, capítulo 2, verso 9.

...

"Alegrai-vos sempre no Pai Celeste; outra vez vos digo, alegrai-vos. Seja a vossa amabilidade notória a todas as pessoas. Perto está o Pai Celeste para nos ouvir. Não estejais inquietos por coisa alguma; antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante do Pai Celeste pela oração..."

(Epístola do Apóstolo São Paulo aos Filipenses, capítulo 4, versos 4, 5 e 6)



Natan de Oliveira é um escriba cristão, casado, pai de dois filhos, cuidador de dois cães cocker spaniel, mora em Joinville/SC e tem como hobby brincar no seu Fusca amarelo colonial 1971.

natandeoliveira@yahoo.com.br

O ALARIDO DOS MOUCOS

Jorge F. Isah

No fim do século XIX e durante o XX, os direitos individuais foram as bandeiras políticas dos movimentos sociais e cívicos. Povos colonizados viram-se independentes; plebeus puderam escolher o seu "rei" pelo voto majoritário; escravos foram libertos; empregados tiveram direitos assegurados; mulheres engrossaram as fileiras do mercado de trabalho; consumidores ganharam leis que os protegessem; filas para idosos, gestantes... Um período onde o homem foi aparentemente beneficiado, onde obteve conquistas e uma ilusória igualdade foi alardeada como vitória, o que, contudo, não passou de retórica.

A cada novo "triunfo", outros se faziam necessários; e cada vez mais grupos de novos privilegiados subjugavam grupos de ex-privilegiados. Foi um período de lutas, de sangue, de gritos, de ruas pichadas, nervos à flor da pele... e ainda que alguns esforços fossem legítimos, houve muita injustiça.

Hoje, nada disso é passado! As antigas formas de mobilização persistem. Existem "paneleiros" em Buenos Aires, "cortesãs" em São Paulo, "sem-tetos" em B.H., e outras tantas reivindicações espalhadas pelo Brasil e o mundo. Mas nenhum movimento ganhou mais visibilidade e força em nossa época do que a "eco-panfletagem". Existem mais "ong's" no planeta em defesa da

natureza do que, por exemplo, em prol das crianças abandonadas e famintas. A ecologia é a indústria político-social do novo milênio, substituindo a racial, a marxista-comunista, operária, indígena, feminista... Então, devemos nos engajar nessa nova causa? Ou ignorá-la?... O que a Bíblia fala acerca disso?

Paulo diz: "Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora" (Rm 8.22). Muito antes das ong's, do Greenpeace, e de toda a parafernália eco-militante, o apóstolo afirmava que a natureza sofria. Por quê? "Na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção"; e, como nós, a natureza se aflige, dolorida, corrompida, aguardando "a liberdade da glória dos filhos de Deus" (Rm 8.21).

A queda do homem no Éden trouxe o caos e a desordem ao universo. Adão, ao pecar, desobedeceu a Deus e, portanto, opôs-se à Sua santidade. O Deus santo não pode conviver com o pecado e nem com o pecador. Por isso, após criar todas as coisas, Deus aprovou-as, por estarem acabadas e refletirem a Sua perfeição: "E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom" (Gn 1.31).

O homem foi criado em perfeição, à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.27); mas a rebeldia e a descrença o fizeram cair, e juntamente com ele, caiu toda a criação. A queda do homem significou a morte, a transitoriedade e o fim de tudo. E como se deu?... Deus entregou ao homem e a mulher para alimento "toda a erva que dê semente, que está sobre a face de toda a terra; e

toda a árvore, em que há fruto que dê semente" (Gn 1.29); e "fez brotar da terra toda a árvore agradável à vista, e boa para comida" (Gn 2.9), e deu-lhas ao homem para delas comer livremente, menos uma: a árvore do conhecimento do bem e do mal; "porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gn 2.16-17). Igualmente, o Senhor proferiu que "a todo o animal da terra, e a toda a ave dos céus, e a todo o réptil da terra, em que há alma vivente, toda a erva verde será para mantimento; e assim foi" (Gn 1.30). Logo, tanto o homem quanto os animais alimentavam-se exclusivamente de ervas e frutos; eram todos herbívoros, e não havia carnívoros.

Deus ainda deu ao homem o poder de sujeitar e dominar sobre toda a criação (Gn 1.28); ele era uma espécie de administrador, um zelador, ao qual tudo lhe foi submetido. Até esse momento, o sangue de animais não havia sido derramado; mas ao transgredir a ordem do Senhor e pecar (ao comer o fruto da árvore do bem e do mal), o homem e a mulher viram-se nus, e para cobrir-lhes a nudez, Deus fez túnicas de peles de animais, significando que ocorrera a primeira morte no mundo (Gn 3.21).

A perfeição e o equilíbrio criados por Deus haviam-se rompido, e, a partir daquele momento, a criação sofreria as consequências danosas da transgressão de Adão (Gn 3.17).

Por isso, Paulo afirmou: "a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou" (Rm 8.20), e de que "a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus" (Rm 8.19). O que o apóstolo quer nos dizer? Que apenas quando formos completamente restaurados, "a saber, a redenção do nosso corpo", recebendo corpos glorifica-

dos como o do nosso Senhor Jesus Cristo, onde o pecado não mais habitará, e sermos santos como santo é o nosso Deus; nesse dia, a criação será redimida e não mais gemerá "com dores de parto", pois, "Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória? Ora, o aguilhão da morte é o pecado... Mas graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo" (1Co 15.55-57). Somente Ele detém o poder de restaurar a ordem inicialmente rompida, e que existiu quando da criação do mundo: "Porque em esperança fomos salvos"; e, "nós, segundo a sua promessa (de Cristo), aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça" (Rm 8.24; 2Pe 3.13).

Ao contrário, o movimento pró-ecologia quer fazer da natureza um deus, assim como o marxismo quis fazer dos seus líderes deuses e o Estado o deus supremo, e cultuá-lo, e alçá-lo ao trono divino, intentando usurpar o lugar que jamais lhe pertenceu.

A natureza não quer assumir o lugar do Senhor, ela quer, como boa criação de Deus, servir-nos, cumprindo o propósito do Criador. E nós, cumpramos o nosso: de dar glórias somente a Deus, e, como servos, render-nos ao senhorio de Cristo nosso Senhor; entendendo que tanto o homem como o universo somente encontrarão a paz quando entrarem na plenitude da Sua glória, a qual durará por toda a eternidade, será infinita, e em gozo contínuo, "porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada" (Rm 8.18).

Não é o caso de se rejeitar ou aderir à causa ecológica (o que qualquer um pode fazer, ao aceitá-la ou não), nem ignorá-la, mas de esperar em Cristo, crendo na Sua justiça, a qual não se pode escolher, mas render-se.

Guerra Fria

segundo ato

Sammis Reachers

Dia desses, dando aula para uma turma de nono ano, afirmei: "Com o fim da Guerra Fria...". Somente ao adentrar o aconchego do lar, na frieza dos raciocínios, dei-me conta da sandice: A Guerra Fria nunca acabou: No máximo, entrou num hiato. Hoje ela explode em seu "segundo ato", com seus oponentes rearranjados no tabuleiro. A assim chamada Guerra ao Terror, que recentemente envolveu o mundo (de americanos a russos, de sauditas a nigerianos) num combate a extremistas muçulmanos, agora parece ter sido apenas uma pantomima, uma diversão apresentada no palco entre uma partida e outra da verdadeira guerra.

Claro está que a Rússia nunca será o que foi a URSS, que chegou a controlar, de fato ou ao menos no campo ideológico, quase meio mundo (e quantas, quantas "viúvas" de sua existência deixou!); mas isso não impede o ditador-maquiado-de-democrata Putin de almejar retomar parte da glória da antiga potência, desejo de glória hoje reconfigurado numa nova ideologia, na verdade colcha de retalhos que mistura culto à mítica mãe Rússia com a fé cristã ortodoxa, somado a tantos e embaraçosos pitacos de fascismo, comunismo e capitalismo oligarca que a situação toda desconcertou os ideólogos de direita e esquerda pelo orbe à fora. E com reflexos divertidos no Brasil, rachando esquerda e direita na confusão de a quem apoiar e pelo quê. Mas deixemos os idiotas de esquerda e direita e voltemos à guerra ou ao mundo real (com o perdão da redundância).

Hitler utilizou o conceito do lebensraum, o espaço vital, para justificar sua expansão bélica por sobre territórios e vidas alheias. O conceito foi elaborado ainda no século XIX, justamente por um alemão, o geógrafo Friedrich Ratzel. A ideia era que o povo "ariano" precisava de mais terra para desenvolver seu potencial e isso era um direito "natural". Esse tipo de presepada não lhe era exclusividade: Vide o conceito-irmão de "destino manifesto", preconizado do outro lado do Atlântico por ideólogos dos EUA, e que segue a mesma ladainha supematista – mas essa polêmica, deixo para outro artigo. Putin utiliza, um pouco travestido, o mesmíssimo argumento: Invade ou subleva ex-membros da URSS para salvaguardar população de origem ou etnia-cultura russa presente em tais países. Pois temos um baita problema aqui: Há tais tipos de pessoas (russos étnicos) EM TODAS as ex-repúblicas soviéticas! Era uma norma da URSS fazer esse transplante de populações, de etnias, entre suas repúblicas, no objetivo de promover a integração e ajudar a debelar eventuais movimentos separatistas (essas transposições, de si só, causaram mais mortes que muitas e muitas guerras).

Sim, a URSS ruíu duma vez para sempre, mas a m#rd@ está feita, e acredite neste professorzinho aqui: Ainda terá outras e bélicas repercussões, nos próximos anos. Pois Putin, caso não caia ao fim deste capítulo ucraniano, certamente há de, agora ferido ao extremo pelos embargos, "meter o pé na jaca" ou na porta alheia, e aproveitar para aumentar sua presença ou influência sobre tais repúblicas, notadamente as não abrigadas sob o guarda-chuva da OTAN. Cada ex-república soviética, seja hostil, "neutra" (isso existe???) ou ALIADA, sente o peso do urso e ruma o risco, dia após dia.

Poslúdio: Enquanto isso a China, embebida na sapiência pragmática de Confúcio e Sun-Tzu, segue o que eu chamaria cariocamente de o caminho do bom malandro, e observa seus adversários ou aliados de ocasião (não se engane, a China sempre viu e verá a URSS/Rússia desta forma) se digladiando. Ela ocupa espaços no tabuleiro, engorda seu gado, ara seu campo – até que se apresente o momento (10, 15, 25 anos?) de ditar o capítulo final (Terceiro Ato?) da Guerra Fria.



A *Óptica Metrópole*
está de **casa nova!**

NOVO ENDEREÇO

Shopping 5ª Avenida

RUA ALAGOAS, 1314, LOJA 20B SAVASSI

ESTACIONAMENTO GRATUITO RUA ALAGOAS, 1196
TELEFONE (31) 3226 3212 | WHATSAPP (31) 984821525

O PRESIDENTE E O EXPRESSO

Jorge F. Isah

Existem surpresas agradáveis, quando não se espera e recebe o livro "Of Time on The River" autografado por Thomas Wolfe, o Sennheiser Orpheus, ou a Kombi "Beach Bomb" da Hot Wheels, e similares divertidos e interessantes . Por outro lado, existem as surpresas que não são surpresas, ainda que surpresas, mas daquelas que se odeia e deixam um gosto amargo na boca e ardor nos olhos, além da repulsa em tocá-los. Foi o que me aconteceu nesta manhã. Ao preparar-me para sair, encontrei um grande envelope branco no chão da garagem. Não era dos Correios, pois eles entregam na minha região, entre 13 e 15 h, de segunda a sexta. Era uma quente, ensolarada e límpida manhã de sábado, céu de brigadeiro e uma leve brisa marítima.

— Que raios vem a ser isso? — Disse, enquanto me dirigia ao invólucro.

Peguei-o e havia o brasão de armas do Brasil, com o meu nome e endereço logo abaixo. No verso, os dizeres: Presidência da República do Brasil. Pensei, será que finalmente marcaram a consulta com o gastroenterologista? Seria o anúncio de um novo revoar de pombos na Esplanada? Ou o título de cidadão honorário de Brasília?

O envelope era grosso, de um branco impecável que o chão não maculou; devia custar uma grana. Abri e dentro havia três folhas: uma carta, um mini pôster e por detrás um cartão em branco, para sustentar e não estragar o cartaz principal. Na carta, os dizeres:

"Com alegria, atendemos a sua solicitação para receber a foto do eminente presidente da república do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva.

Desculpe a demora e espera, pois são milhões de pedidos. Mas finalmente cumprimos com o nosso dever. Agora, você tem o Presidente ainda mais próximo.

Com o carinho do Presidente.

Gabinete da Presidência do Brasil".

A foto, em papel "Baryta Prestige", era de altíssima qualidade, com cores vibrantes, com muitos detalhes, e, no caso do presidente, apenas realçavam ainda mais a sua assimetria, para dizer o mínimo.

Como se gasta uma fortuna em algo assim, e, pior, com o intuito de populismo do século passado, sem que em momento algum, sequer em pensamento, cogitei solicitar tamanho absurdo? Já que, ao meu ver, político bom é aquele que ainda não nasceu, e depois de nascer, jamais será bom. Então, por que se gasta os tubos do cidadão em uma brincadeira de péssimo gosto? Será possível que algum deles, o "jênio" que impetrou tal disparate, acredita ser uma boa ideia? E, pior, com resultados positivos?... Ah!... mas sempre tem um amigo do amigo dono de parque gráfico, e aquele dinheiro que sai dos cofres públicos e bandeia, sabe-se lá como, para aquelas contas em Barbados ou Aruba.

Picotei tudo em minúsculos pedaços, joguei na lixeira e, após tomar um despretenso expresso, joguei a borra sobre eles. Ao menos, serviriam para não deixar vazar a umidade para o fundo do cesto.

Para estar à vontade estar na vontade de DEUS

Luiz Libório Alves da Silva

Fui ateu, assíduo e vaidoso, ao longo de quase 10 anos. Mesmo durante esse tempo de escuridão, porém, o Senhor me cercava com seu amor, embora eu me escondesse, estando "preso na praça de Deus, como peixe em nenhuma rede", conforme João Guimarães Rosa. Para exemplificar, lembro que algumas vezes sonhei estar no Paraíso, salvo entre muitos salvos, sentindo o êxtase pleno da Luz em meu coração, diante do único que É. Sentia-me plenamente feliz, até acordar triste por não ser verdade aquele sonho e, pior, por não poder ser, dado meu decrépito estado de descrença. Eu queria, no fundo, ser o salvo entre muitos salvos. Lembro de ouvir uma música do Jorge Mautner, uma música nada religiosa, inclusive, chamada "Vivendo sem grilo", ouvi-la e confessar tal desejo luzídio em mim. Essa música diz algo como "na casa de Deus, onde não tem porta nem trinco, todos já estão de antemão perdoados e amados por toda a eternidade". Isto eu ouvia e pensava na maravilha de que todos, todos, todos estivessem de antemão perdoados e amados por toda a eternidade! Mas ainda permanecia no ateísmo.

Os anos se passaram, o Pai recolheu meus fragmentos e me nasceu para uma nova vida. A alegria que eu sentia sonhando, agora eu sinto vivendo; mesmo que em um mundo que nada tenha de Céu, tenho certeza de que já estou salvo, pela fé em Nosso Senhor Jesus Cristo, e isso já é estar com Ele. Um exemplo dessa alegria é a benção de ter a Vontade de Deus, a sensação de reconhecer que na minha pequenez pude querer o que o Criador de todas as coisas quer. Porque vi, naquela minha vontade de que todos, todos, todos se salvem, a Vontade de Deus, "pois isto é bom e agradável diante de Deus nosso Salvador, o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade" (1 Timóteo 2:3,4).

A mim, pó, minúsculo ser criado, Deus permitiu querer algo dentro de Sua Vontade, ainda antes da minha conversão! Isso é que é benção! Nada é melhor para estar à vontade do que estar na Vontade de Deus. E isso permaneço querendo: que todos, todos, todos sejam salvos!

Amém!

espaço livre para publicidade

“A Bula do Placebo”



ebook: R\$ 9,99

amazon.com.br ou kalamos.com.br

O QUE VOCÊ QUER, TODOS QUEREM!

Rosemare Rocha

Quem sabe, a vida seria mais suave como o canto de um pássaro ou o latir de um cachorro renitente que soa dentro do ouvido, dilatando as veias do seu cérebro?

Esteja certo de que a paz para você, o sossego para você, pode não ser para mim ou para outra pessoa. Às vezes, um grito pode soar uma advertência de que não estou satisfeito com as coisas diante de mim.

Um dia de silêncio, para muitos, pode ser um dia de tédio insuportável! Isto só não é se a pessoa passou por tantos tormentos que o silêncio pode não ter importância. Amar o silêncio é estar bem consigo mesmo, ou talvez não. Vivenciei períodos de conflitos d' alma, conflitos de perder a minha essência e quase toda a vontade de viver. Hoje, o barulho me faz ficar alerta! Com vocês é assim? Pelo menos, há aí alguém como eu? Com tragédias iguais às minhas? Ou estarei a delirar?

Não sei, sinceramente. Talvez você seja o tipo de pessoa que não curte música clássica; aprendi a gostar do clássico para me conhecer. Achei o silên-

cio, encontrei a paz em meio as cordas e sopros ao invés da percussão.

Hoje, nesta modernidade que vê a si mesma como a última bolacha do pacotinho, gostar do clássico é careta ou muito intelectualóide, mas ouvir um clássico é estar no céu (haverá alguém com bons argumentos contrários?).

Será que no paraíso, no céu, existirá desordem? Creio que não! Deus, que é tudo, no sentido espiritual, não panteístico (o ônus da prova é de quem diz o contrário), criou o universo, unanimemente reconhecido como lindo e maravilhoso.

Tudo perfeito! Tudo funciona em perfeita harmonia, em perfeita maestria, então fique sabendo: Ele gosta de harmonia! Organicamente organizado! Lógico, racional e inteligentemente perfeito!.. Por um momento, escuto a voz da minha mãe, já falecida há muito:

"Paixão, tem hora que você parece viver distante! Parece que está sempre olhando para o horizonte! Sua alma vive fora do corpo! (risos, sérios)

E eu a ela:

"Sempre disse para a senhora que não sou deste mundo. Não me encaixo nele".

Ela retruca:

"Paixão, um dia você vai se encontrar neste mundo!"

Risos.

papo **CRISTÃO**

por Michel Salomão

Como cristão, eu gostaria de acreditar que as pessoas possam se converter e tomar um rumo melhor para suas vidas (conversão é isso), mas não posso me iludir, pois as coisas caminham para um lado absolutamente oposto, com a maldade e a polarização se espalhando pelo mundo. Está escrito na Bíblia, mais precisamente no livro de Daniel e em Apocalipse, que a volta de Jesus será precedida por acontecimentos terríveis, bem piores do que essas guerras, cataclismas e pandemias que o homem já viu. Quando acontecer, as pessoas pedirão para morrer, de tão assustadoras que serão essas cenas. Pode ser que estejamos vivos para ver esses acontecimentos, pois não há previsão para quando será. Tem muita gente que acha que já demorou muito, e que não vai rolar, e por isso chutou o balde.

Ao contrário do que muitos pensam, não é difícil se tornar um cristão: basta acreditar em Jesus, que é o único intermediário entre nós e Deus, o criador. Também é preciso dar uma melhorada na sua vida, nos seus hábitos ruins, como largar a cachaçada e a putaria (ai, que horror, um cristão usando esses termos!), deixar de fazer o mal para as pessoas, procurar fazer o bem, ser generoso e até mesmo AMAR (como é difícil!) despretenciosamente, sem esperar retorno. Assim, você poderá concorrer a uma vaguinha no céu, na hora que o mundo acabar.



coluna do nelson **TRAMONTINA**



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu e, mesmo estando longe, consegue fazer seus "cortes rápidos", respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita que vai chover.

Nelson, nesta virada de ano, pulei sete ondas, comi romã, lentilha, bebi champanhe, tomei banho de sal grosso: será que vai dar tudo certo?

Nelson – Vai dar certo se você não se esquecer de uma coisa: trabalhar.

Já aprontei muito nesta vida, tive muitos homens e agora estou prestes a me casar. Meu noivo pensa que sou virgem e vi na internet uma receita para usar na noite de núpcias que consiste em colocar um pouquinho de pólvora lá na bacurinha e na hora que ele for usar, vai dar uma pequena explosão, e aí poderei dizer: "oh, a minha virgindade se foi". O que você acha?

Nelson – Só espero que você não exagere na quantidade de pólvora, ou será ele que dirá: "oh, meus ovos se foram".

Nelson, fui mãe solteira por três vezes e arranjei um companheiro, mas não quero repetir o mesmo erro mais uma vez. Sei que existem muitos métodos contraceptivos no mercado, mas acredito que os de uso oral sejam os mais eficientes. Qual você me aconselha a tomar?

Nelson – Vergonha na cara.

A minha mãe fica encrencando comigo, só porque gosto de ficar jogando joguinhos no computador. Ela quer que eu trabalhe, mas acho muita sacanagem querer obrigar um cara de 39 anos a fazer coisas que não gosta.

Nelson - Concordo com você: com 39 anos você ainda é um bebê. Peça a ela para também trocar a sua fralda e a fazer a sua mamadeira. Você merece.

Eu votei no candidato que prometeu que a gente ia comer picanha e tomar cervejinha, mas agora eu mal consigo comer pescoço de galinha e tomar uma corote. Desconfio que fui enganado.

Nelson - Só não falo para você não chorar o leite derramado, porque o preço dele também está pela hora da morte. Só resta a você chorar, que é de graça.

Nelson, eu tenho cinco filhos, mas nenhum deles se parece comigo, que sou louro, pele clara, olhos azuis. A minha mulher também é clara. Todos eles nasceram morenos e são a cara do meu compadre, que é meu vizinho. Como pode isso?

Nelson - Só posso dizer que "pai é quem cria".

Sou escritor e sonho em ter uma coluna na "Revista Bulunga", mas ouvi dizer que eles não aceitam pessoas ligadas à "esquerda", o que acho um grande preconceito, pois vivemos em um país livre e cada um pode ter as suas próprias convicções.

Nelson - Não, este não é um país livre, e é por causa da esquerda. Você já pensou na hipótese de escrever para a revista "Globo Rural"?